



Arte da resistência: Punks e anarquistas no futebol de várzea de São Paulo¹

Bruno Brando Balázs da Costa FARIA²

Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir a presença de equipes anarquistas no futebol de várzea de São Paulo. Mostrar de que maneira o futebol, esporte responsável pela movimentação de enormes quantidades de dinheiro, ainda consegue existir em seu formato mais lúdico. Discutir de que forma a ideologia anarquista molda-se ao esporte, e de que maneira as equipes anarquistas relacionam-se na várzea da cidade de São Paulo. Esporte, futebol e contracultura podem andar juntos, e a organização de equipes nos moldes dos grupos estudados pode ser uma alternativa ao futebol-negócio que predomina no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: anarquismo; várzea; futebol; modernidade; paulistano; contracultura

INTRODUÇÃO

O futebol nasceu no Brasil como um esporte de elite. Com sua introdução atribuída a Charles Miller, paulistano filho de um engenheiro escocês, o futebol teve sua primeira partida oficial em solo brasileiro em 14 de abril de 1895. As equipes, São Paulo Athletic Club (clube do qual Miller era sócio), e São Paulo Railway Company (empresa da qual Miller era funcionário), eram compostas por ingleses e brasileiros, terminando com a vitória da Railway por 4 x 2. (JUNIOR, 2007, p. 60)

Outras iniciativas pioneiras do esporte eram também ligadas à elite da cidade, como a Associação Atlética Mackenzie College, primeiro time formado só por brasileiros, em 1898. Em 1899, o Sport Club Germânia, formado por alemães e descendentes. Em 1900, o Club Athletico Paulistano, equipe formada pelas famílias mais tradicionais de São Paulo, e em 1902 a Associação Atlética das Palmeiras, formada por jogadores do segundo quadro do Paulistano.

¹ Trabalho apresentado na pós Graduação em Jornalismo Esportivo da FAAP, a ser enviado para o XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero do Estado de São Paulo, email: brunobrando@gmail.com



“Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional.”³

Esse é o começo do futebol no Brasil. Mas de um esporte praticado em seu início pela elite branca, o futebol vai transformar-se em um dos maiores fenômenos de popularidade do país, sendo praticado de norte a sul, por todas as idades, todos os segmentos sociais. É difícil enxergar o futebol hoje como o mesmo esporte do começo do século XX, quando o periódico *Sports*, do Rio de Janeiro, em sua primeira edição, de 06/08/1915, dizia que “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.” (JUNIOR, 2007, p. 63)

Foram muitas, porém mal sucedidas, as tentativas da elite de bloquear a participação popular no futebol. Hoje isto é claro, mas na época a luta foi árdua.

“Isso não impediu, contudo, o desenvolvimento de uma segunda tendência: que o pretense Éden do amadorismo fosse conspurcado pelo interesse das camadas médias e subalternas. As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910).”⁴

³ Júnior, 2007, p. 61

⁴ Júnior, 2007, p.64



Contar a evolução do futebol brasileiro não é a função do artigo, mas é bom contextualizar pelo menos a forma como ele apareceu para falar do assunto ao qual se refere o presente trabalho. Seria interessante ver a reação da pessoa que escreveu a nota do jornal de 1915 ao ver de que forma se dá a prática do futebol hoje, especialmente na várzea. Equipes de operários, favelados, negros, suburbanos, ou seja, toda a parcela com a qual seria um “suplício” jogar futebol. E entre estes “deserdados”, equipes anarquistas.

O futebol hoje segue um rumo que parece sem volta. Cada vez mais os jogos serão transformados em espetáculo, e os atletas vistos como estrelas “pop”. A quantidade de dinheiro envolvida no esporte é assustadora, basta analisar as negociações envolvendo jogadores, campeonatos, construções de estádios. Um evento como a Copa do Mundo gera receitas na casa dos milhões para a FIFA (a última Copa, realizada na África do Sul em 2010, rendeu à FIFA 3,65 bilhões de dólares)⁵ entidade máxima do futebol mundial. A Seleção Brasileira, pentacampeã do mundo, gira o mundo realizando amistosos a “preços bem salgados”. A equipe, que deveria representar seu país, virou produto nas mãos da CBF.

O futebol, que nasceu na elite, foi adotado pelas camadas mais populares, evoluiu para transformar-se no esporte mais visto e praticado no mundo, agora ensaia volta à elite de onde surgiu. Torcedores comuns já têm dificuldade em acompanhar seus times. Os preços cobrados para assistir uma partida aumentam exponencialmente a cada temporada. Para comparação, o Sport Club Corinthians Paulista, clube de maior torcida em São Paulo, em sua última participação na Copa Libertadores, vendeu o ingresso mais barato a 50 reais, na arquibancada. No setor VIP, a entrada chegou a custar 500 reais. O salário mínimo brasileiro atualmente vale 545 reais. Na contramão do capitalismo selvagem que assola o futebol, o movimento contra o futebol moderno pode ser algo muito interessante.

⁵ Revista Carta Capital, Edição 649 – Pg. 80



Futebol e anarquia

“... Anarquismo é, com efeito, e antes de tudo, sinônimo de socialismo. O anarquista é, em primeiro lugar, um socialista que visa abolir a exploração do homem pelo homem. O anarquismo é um dos ramos do pensamento socialista, onde predominam, fundamentalmente, o culto da liberdade e a vontade de abolir o Estado. Para o anarquista Adolfo Fischer, um dos mártires de Chicago, “todo o anarquista é socialista, mas nem todo socialista é, necessariamente, anarquista.”⁶

Nas palavras de Daniel Guérin, o anarquismo visa abolir a exploração do homem pelo homem, e cultua a liberdade. Transportando estes conceitos para o futebol, a equipe Autônomos FC, criada por punks e anarquistas em 1º de maio de 2006, pretende instituir um futebol autogestionado, sem donos, líderes ou estrelas. No site do time, um dos fundadores explica que o Autônomos é “um time com ideal autogestionário, anti-racista, antifascista, contra o futebol mercadoria”. E mais, “Como um bom time com ideias afins ao anarquismo, somos internacionalistas. Sendo assim, já jogaram conosco argentinos, canadenses, australianos, lituanos, ingleses e até cinco suíços de uma banda de ska.”⁷

O Autônomos, longe de ser somente mais uma equipe de várzea, se destaca por sua atuação em diversos segmentos da sociedade, quer nas manifestações sobre o Passe Livre, quer na discussão sobre o preço dos ingressos e a elitização que se abate sobre o esporte mais popular do mundo. O Auto recentemente adquiriu sede própria na cidade de São Paulo, no bairro da Lapa. É bom notar que, na inauguração, além do ingresso, era pedido um agasalho em bom estado ou um quilo de alimento. O total arrecadado foi doado para a Frente de Luta por Moradias, uma junção de movimentos que lutam para conquistar projetos habitacionais para população de baixa renda. O site do Auto na internet informa que “Somos, pra além de time, um coletivo. E tentamos pensar e praticar nossas relações de uma forma horizontal, libertária, diferente da imposição hierárquica e individualista que domina o cotidiano de quase todos pelo planeta”⁸. É possível jogar futebol e não ser alienado. Algo recorrente nas entrevistas de quase todos os jogadores profissionais, muito pouco politizados. Cristiano Lucarelli, italiano, se destaca por seu posicionamento. Já comemorou gol mostrando uma camisa de Che

⁶ Guérin, 1968, p. 21

⁷ Página do Autônomos FC na web – <http://www.autonomosfc.com.br>

⁸ Idem – [HTTP://www.autonomosfc.com.br](http://www.autonomosfc.com.br)



Guevara, o que resultou na sua punição pela seleção italiana Sub-21, e é declaradamente comunista. Seu time de coração, o Livorno, pelo qual já jogou, tem torcida de ideologia socialista, e costuma levar para os estádios bandeiras de Cuba, da União Soviética e de próprio Che Guevara.

O futebol, apesar da super profissionalização que enfrenta, com jogadores sendo negociados por valores altíssimos (como exemplo, o português Cristiano Ronaldo foi vendido pelo Manchester United, da Inglaterra, ao Real Madrid, da Espanha, por 93,9 milhões de euros, ou 256,6 milhões de reais), é o esporte mais afeito à ideologia anarquista. Danilo Cajazeira, um dos fundadores do Autônomos e geógrafo formado pela Universidade de São Paulo, em sua Trabalho de Graduação Individual II explica que “O Auto sempre esteve aberto a quem quer que fosse... Algo que só ajudava a dar ao Auto um caráter ainda mais de atração bizarra, de estranho, de forasteiro, de... metrópole. E que reforçava nosso compromisso de jogar por jogar, e não pra ganhar.” (CAJAZEIRA, 2009, p. 49).

Além disso tudo, é bom ressaltar o caráter universal do futebol. Qualquer um pode jogar, seja velho, adulto, criança, homem ou mulher. Gordo, magro, forte, fraco, alto ou baixo. Maradona, um dos maiores jogadores de todos os tempos, era baixo e atarracado, quase gordinho. O ex-jogador e atual comentarista da Tevé Bandeirantes, Neto, elencado no livro “*Os Dez Mais do Corinthians*”, do jornalista Celso Unzelte, sempre enfrentou problemas com o peso ao longo da carreira, e faz questão de frisar que nunca foi atleta, um dos motivos por ter parado cedo com o futebol. Lionel Messi, argentino e canhoto como Maradona, é pequenino e franzino fisicamente. E ainda assim, com sua enorme habilidade, vence zagueiros bem maiores do que ele, e foi eleito pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) melhor jogador do mundo em 2009. Serginho Chulapa, alto e desengonçado, foi um grande atacante de Santos, São Paulo e seleção brasileira. Outros esportes, como o vôlei e o basquete, requerem jogadores altos. Para um atleta mais baixo destacar-se, terá de ser extraordinariamente habilidoso. No atletismo, alguns praticantes, pelo biotipo, dedicam-se a provas de explosão muscular, como os 100 metros rasos, ou provas de resistência, como a maratona. No futebol, isto não existe. Ainda que hoje cada vez mais a preparação física aumente em importância, é possível que Messis, Maradonas e Netos tenham sucesso.



Nos campos de futebol da várzea de São Paulo, longe do profissionalismo do futebol da primeira divisão, equipes como o Autônomos podem existir sem o menor problema. Na várzea, é comum cada time possuir dois quadros, o “A”, teoricamente o principal e mais forte, e o “B”, formado por jogadores mais velhos, piores tecnicamente ou ainda muito novos para jogar pelo principal.

“Geralmente, as equipes que contam com um quadro B composto por jogadores acima dos 40 anos costumam ser “menos competitivas”, ou melhor, dar menos valor ao competir e mais valor ao jogar, ao ter prazer, ao convidar o adversário para compartilhar o churrasco pós-jogo, quando há. Normalmente “pais de família”, estes jogadores já passaram pela prova do sucesso – ou fracasso – pessoal imposta pela metrópole ao trabalhador, ao morador, ao cidadão, prova esta que é a engrenagem social mestra na reprodução ideológica do capital. Tais equipes enxergavam quase sempre o Autônomos com bons olhos, rompendo através do futebol outros preconceitos que sempre surgem ao ver chegar à quadra jovens tatuados e com cabelos “estranhos”. Assim, ao longo de sua existência, o Auto experimentou formas positivas e negativas de sociabilidade impostas pelo próprio urbano industrial ao sistema do futebol, podendo-se dizer que éramos uma representação cosmopolita da e na metrópole.”⁹

Ou seja, o Autônomos FC, mesmo não sendo uma equipe extremamente competitiva, consegue se fazer respeitar na várzea por seu espírito de equipe, por seu amor ao futebol, e pelo respeito que eles também mostram aos adversários.

CONCLUSÃO

Sobre a ideologia anarquista, um dos conceitos mais fortes, como percebemos pelo próprio Autônomos, é a ideia de internacionalização, ou seja, um mundo sem fronteiras, sem Estado. Anarquistas do porte de Stirner, Proudhon, Kropotkin, Malatesta e Bakunin escreveram contra o que eles consideram um “inimigo” (STIRNER), uma “fantasmagoria do espírito humano” (PROUDHON). Para uma equipe de futebol guiada por tal ideologia, não há amarras que os prendam há um bairro, uma cidade ou um país. Todos são bem vindos para jogar pelo time, não importa a região de origem. O gosto

⁹ Cajazeira, 2009, p. 49



pelo futebol não precisa ser sectário, opondo irmãos que torçam por esse ou aquele time, amigos que joguem por esportes diferentes. O futebol pode e deve ser instrumento de agregação, de luta para alcançar uma convivência melhor. O futebol faz parte da sociedade, não está à margem dela. E como tal, não pode se dar ao luxo de ignorar manifestações legítimas para alcançar esta melhoria. O Autônomos FC é um bom exemplo de como futebol, movimentos sociais e contracultura não são excludentes, pelo contrário. A experiência do futebol anarquista na várzea paulistana é um ótimo exemplo de como o futebol não precisa ser da maneira que as autoridades querem, inodoro, insípido e incolor. Futebol para o povo não significa violência, muito pelo contrário. O futebol foi tomado pelo povo das elites, e é no povo que ele deve permanecer.

“É preciso que seja federalista, como nós, tanto no interior quanto fora de seu país. Deve compreender que o advento da liberdade é incompatível com a existência dos Estados. Deve querer, por via de consequência, a destruição de todos os Estados e, ao mesmo tempo, a de todas as instituições religiosas, políticas e sociais: tais como Igrejas oficiais, exércitos permanentes, poderes centralizados, burocracia, governos, parlamentos unitários, universidades e bancos do Estado, bem como monopólios aristocráticos e burgueses. Para que sobre as ruínas de tudo isto possa nascer, enfim, a sociedade humana livre e que se organizará não mais como hoje, de cima para baixo e do centro para a circunferência, por via de unidade e concentração forçadas, mas partindo do indivíduo livre, da associação livre e da comuna autônoma, de baixo para cima e da circunferência para o centro, por via de federação livre”.¹⁰

¹⁰ Bakunin, 1999, p. 56



REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. **Textos Anarquistas**; seleção e notas de Daniel Guérin, Porto Alegre: Editora L&PM, 1999

CAJAZEIRA, Danilo Heitor Vilarinho, **Geografia(s) do Futebol Contemporâneo em São Paulo: Espaços do Jogar e do Torcer na Metrópole**; trabalho de graduação individual II, apresentado no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo em Abril de 2009

DEL PRIORE, Mary, MELO, Victor Andrade de (orgs.), **História do Esporte No Brasil**; São Paulo: Editora UNESP, 2009

GUÉRIN, Daniel, **Anarquismo**, Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1968

JÚNIOR, Hilário Franco, **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade e Cultura**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007

WISNIK, José Miguel, **Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008

CARTA CAPITAL, Ano XVI, N° 649 – 8 de Junho de 2011

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Site do Autônomos FC, disponível em <http://www.autonomosfc.com.br/>, Acesso em: 04/12/2010